

RUÍDOS DO MUNDO TECNOLÓGICO: IMPLICAÇÕES ENTRE CORPO E PRODUÇÃO DE SABERES EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

CÍNTIA GRUPPELLI DA SILVA¹; DONALD HUGH DE BARROS KERR JÚNIOR²

¹*Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas – cintiagruppelli@gmail.com*

²*Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas – goyjuni1@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época marcada pela presença cada vez mais pragmática das tecnologias digitais no cotidiano. As mídias digitais vão se naturalizando visceralmente em nossas vidas, influenciando atividades, relacionamentos, entretenimento, num ir e vir possibilitando a transformação constante dos modos de subjetivação. Talvez possamos dizer que a internet é o centro das relações sociais e constituinte de novas linguagens, conhecimentos e possibilidades de ubiquidade e comunicação nunca experienciados antes. Mas o que diríamos sobre o uso efetivo dessas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) de modo potente na produção de conhecimento, ou seja, sobre experiências oportunizadas para que o letramento digital¹ aconteça independente da idade, raça, localização geográfica, renda e entre outros?

E, ainda, que modos de subjetivação são esses, contemporâneos, criados pela tecnologia, pela mídia e pelo mercado? Como se dão as relações do aprender e do corpo nessa sociedade tecnológica, onde o foco são as tecnologias digitais (desenvolvidas no final do século XX) e que autores como Foucault (1997b), Deleuze (1992) e Sibilia (2012) a definem como sociedade de controle?

Questões como essas é que o presente estudo se aproxima; não com o intuito de buscar respostas, mas na tentativa de perceber o que está no ar, em movimento, nas interações, relações e discursos vigentes. O objetivo principal da pesquisa se configura a partir da apreensão cartográfica dos modos de subjetivação produzidos por um grupo de jovens, tentando articular com o conceito de invenção do próprio mundo a partir das Filosofias da Diferença (DELEUZE, 2012).

Portanto, a problemática do presente estudo encontra-se envolvida com esses corpos e sua relação com as tecnologias na tentativa de apreender de que forma as TIC's influenciam a produção de pensamento e a socialidade² de jovens que vivem no Bairro Navegantes em meio a vulnerabilidade social.

A escrita se compõe dos movimentos de desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE, 1992), com conflitos éticos, estéticos e políticos da pesquisadora; imbricada com o não-movimento, o não-acontecimento, o silêncio por parte do grupo pesquisado. Sendo assim, Foucault (1997a) ainda vai dizer que o silêncio também se configura por estratégias que falam.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são atribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e outros.

¹ Saiba mais sobre letramento digital em: <http://www.ginix.ufla.br/files/mono-MagnaFonseca.pdf>.

² O conceito de socialidade foi desenvolvido por Michel Maffesoli. Ela diferencia-se da sociabilidade já que esta está ligada a agrupamentos que têm a função precisa, ao mesmo tempo objetiva e racional. O indivíduo insere-se numa lógica do dever ser. Já a socialidade está ligada a uma fenomenologia do social, onde os sujeitos desenvolvem agrupamentos festivos, empáticos, baseados em emoções compartilhadas e em novos tribalismos. A socialidade refere-se ao vivido, ao presente, ao estar-junto. Segundo Maffesoli, a vida cotidiana contemporânea é marcada pela socialidade e não pela sociabilidade. (LEMOS apud MAFFESOLI, 1979).

Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (p.30).

2. METODOLOGIA

A partir da pesquisa qualitativa, em encontros com um grupo de jovens do Bairro Navegantes, na cidade de Pelotas, considerando cada situação de vida apresentada, o propósito da pesquisa é transitar por caminhos desconhecidos na tentativa de encontrar nos desvios e ruídos, outras maneiras de habitar e aprender nessa sociedade *ciber*³ do mundo tecnológico.

O percurso escolhido como tentativa de método de pesquisa no tempo presente foi a mistura de estudo de caso com a cartografia que, segundo Rolnik (2011), esta não é vista como mapa, mas, sim, o que interessa é o quanto a vida está encontrando canais de efetuação. Nesse sentido, a autora acrescenta que:

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... Até os fantasmas inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não. (ROLNIK, 2011, p.65).

É com esse espírito de cartógrafo da “subjetividade flexível” - descrita por Rolnik - que a presente pesquisa tem a intenção de construir alguns territórios, mapeando uma multiplicidade e captando sua singularidade.

O ponto de partida foi *fazer falar* os personagens da cultura digital a fim de entender as linhas do invisível dos modos de subjetivação deste período de tempo. Para a presente pesquisa foi explorado o território existencial de jovens que participam de uma comunidade cristã, no Bairro Navegantes, na faixa etária entre 14 e 24 anos, totalizando 10 pessoas. Para compor o percurso cartográfico, foi criado um Plano Prévio de Intervenção, que iniciou no final de 2014, com a programação de alguns encontros com atividades das mais diversas, realizadas aos sábados à tarde, até o presente momento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo não se dá a partir da experiência da sala de aula, de uma educação formal; mas a partir de um voluntariado, de uma educação informal, pelo simples prazer de estar junto com. Jovens que acompanhei desde crianças a partir de um trabalho de evangelização cristã em uma comunidade pequena onde um, dos tantos objetivos, era tentar de alguma forma distanciá-los das coisas ilícitas e trazê-los para o “caminho, a verdade e a vida”. O grupo não é sempre o mesmo. Na medida em que crescem e vão trabalhar, ou possuem outros interesses, até afetivos, logo saem da Igreja, por saberem que o preconceito existe em função de suas escolhas que não condizem com os valores cristãos.

Os encontros acontecem sempre aos sábados. Quando o grupo está completo, e tem alguma atividade em especial como ver um filme ou um passeio,

³ O prefixo *ciber* tem sido usado para nomear e qualificar culturas – as ciberculturas –, bem como sujeitos e estereótipos engendrados em um mundo em que as tecnologias virtuais e digitais são centrais em praticamente todos os recantos da vida humana (BICCA, 2010, p. 14).

são em média de 15 jovens. Alguns só estudam, outros estudam e trabalham; alguns com filhos, ou seja, existe uma multiplicidade de realidades, cada qual com sua singularidade.

A escolha por esse grupo de jovens, mesmo conhecendo um pouco da vida de cada um, se deu com o desejo de fazer algo diferente ali, num lugar que eu estava acostumada a habitar. Achei que seria fácil aplicar um estudo de caso e misturar com a cartografia, afinal de contas era só estar à espreita, como nos sugere Deleuze.

Mas não foi bem assim. Ao encontrar alguns autores que me provocaram a questionar minhas práticas em vista das filosofias da diferença e, ao mesmo tempo, dar um novo sentido para “o caminho, a verdade e a vida”, vi meu chão se abrir. Percebi que as minhas ações, há mais de quinze anos, eram sempre as mesmas. Além disso, percebi que eu nunca saí do lugar (até porque o movimento não fazia sentido) e eles, o único movimento que faziam era o de sair e não voltar mais.

Nas atividades propostas até agora, dos vários encontros aos sábados à tarde, pouca coisa aconteceu. Em relação à pesquisa o grupo se encontra apático, na representação, em silêncio, talvez intimidados e constrangidos em participar. No início começou com dez jovens e nos últimos encontros apenas cinco estão presente. A próxima etapa então é tentar analisar e entender o que está por trás desse silêncio, pois a pesquisa ainda segue até o final de 2015.

Em um dos encontros, a questão era se as TIC's ajudam ou não na sala de aula. Uma das respostas é de uma universitária e outra de um jovem do ensino médio:

"Ah, nunca penso muito nisso. Eu tinha um celular bem simples, que eu mandava só mensagem, daí eu pedi pra minha mãe um celular melhor pra poder estudar, pois na faculdade os professores só postam os trabalhos no *Face*. E temos o *Whats* da turma que a gente se comunica. Outro dia pedimos a prova de outra turma para estudar, tiramos uma foto e passamos para todos da turma, e todos passaram, porque era a mesma prova. O professor faz sempre a mesma para todas as turmas. E a gente tem um professor que só passa slides. Então alguém tira a foto dos slides e depois manda pra todo mundo. E a gente chega a dormir na aula dele. Porque a voz é baixinha e sempre no mesmo tom."

"Lá no colégio, tem professores que deixam usar celular, outros não. Porque o pessoal não tem noção... Eles ficam jogando, mandando mensagem, atrapalham a aula. Às vezes, também colam com o celular. Tem professores que recolhem o celular e mandam para a diretoria. Eu quase não uso." (Diálogos – Encontro 8/2015).

Até o presente momento foi possível perceber que, mesmo em situação de vulnerabilidade social, os jovens buscam estar sempre conectados, nas redes sociais, se divertindo, usam a tecnologia como extensão do corpo, porém não veem como ferramenta para produção de algum saber, ou sequer pensam sobre isso. Além disso, desponta desses diálogos a urgência em repensar as práticas pedagógicas: Que experiências de aprendizagem somos capazes de oportunizar nos espaços formais ou informais de educação aliadas às TIC's?

4. CONCLUSÕES

Encontrar-me com os filósofos da diferença foi, no mínimo, uma grande experiência ética, estética e política que não só violentou o meu corpo, mas abriu novos espaços para pensar outras possibilidades de entendimento da vida e do mundo. Uma experiência devastadora que desestabilizou totalmente uma identidade enraizada em estruturas ascéticas que, por muitas vezes, sujeitaram o

corpo criando cascas espessas para que nenhuma outra coisa pudesse atravessar.

Primeiramente, foi necessário escolher se lançar, desejar entregar-se ao desconhecido e ver as coisas constantemente de um modo diferente. Apurar a sensibilidade que nos ajuda a entender o mundo. Desprender-se das amarras que anestesiam e paralisam. Se colocar em movimento, no fluxo das ações, para então pensar o novo. Tarefa difícil, pois tem a ver com despir-se de tudo aquilo que um dia constituiu uma identidade, para dar lugar a outros saberes, ao que nunca foi experienciado anteriormente. Tem a ver com transformar o olhar, se lançar em outras aventuras. Tentar sair da representação e desconfiar dos discursos homogeneizantes. Distanciar-se das verdades dogmáticas. Desconstruir-se. Aprender a desprender-se. Uma nova escuta. Descobrir-se outro.

E para entender os elementos que fazem parte do território a ser cartografado e que constituem a coletividade dos jovens da presente dissertação, tem a ver com outras possibilidades de olhar aquilo o que foi visto sempre da mesma maneira, só que, agora, percebendo as estratégias que compõem esse território. E, para tanto, Foucault traz em seus estudos de uma vida inteira, alguns caminhos para se pensar os modos de produção das subjetividades que compõem esse grupo, nesse espaço-tempo de pesquisa.

Só agora, a partir de outro olhar que me disponho a estar à espreita, é que percebo outras possibilidades de encontrar caminhos outros, que se fazem na caminhada; verdades outras enquanto movimento, processo, relação de alteridade; e vida como sendo vidas outras que tem a ver com desejo, potência, mistura de corpos e sensações, novas formas de ser e habitar no mundo contemporâneo. E tudo isso, atravessa com intensidade a educação como um todo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICCA, A. D. N. **Os Filmes de Ficção Científica nos Ensinando a Viver em uma Civilização Cibernética**. 2010. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- DELEUZE, G. **Conversações**, 1972 - 1990. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. **Diferença e Repetição**. Trad. De Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2012. Acessado em 17 nov. 2014. Online. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/Willroy/deleuze-gilles-diferenca-e-repetio>.
- FONSECA, M. de C. **Letramento digital: uma possibilidade de inclusão social através da utilização de software livre e da educação a distância**. 2005. 58f. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-Graduação “Lato Sensu” da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão – FAEPE. Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade. A vontade de saber**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997a.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997b.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.